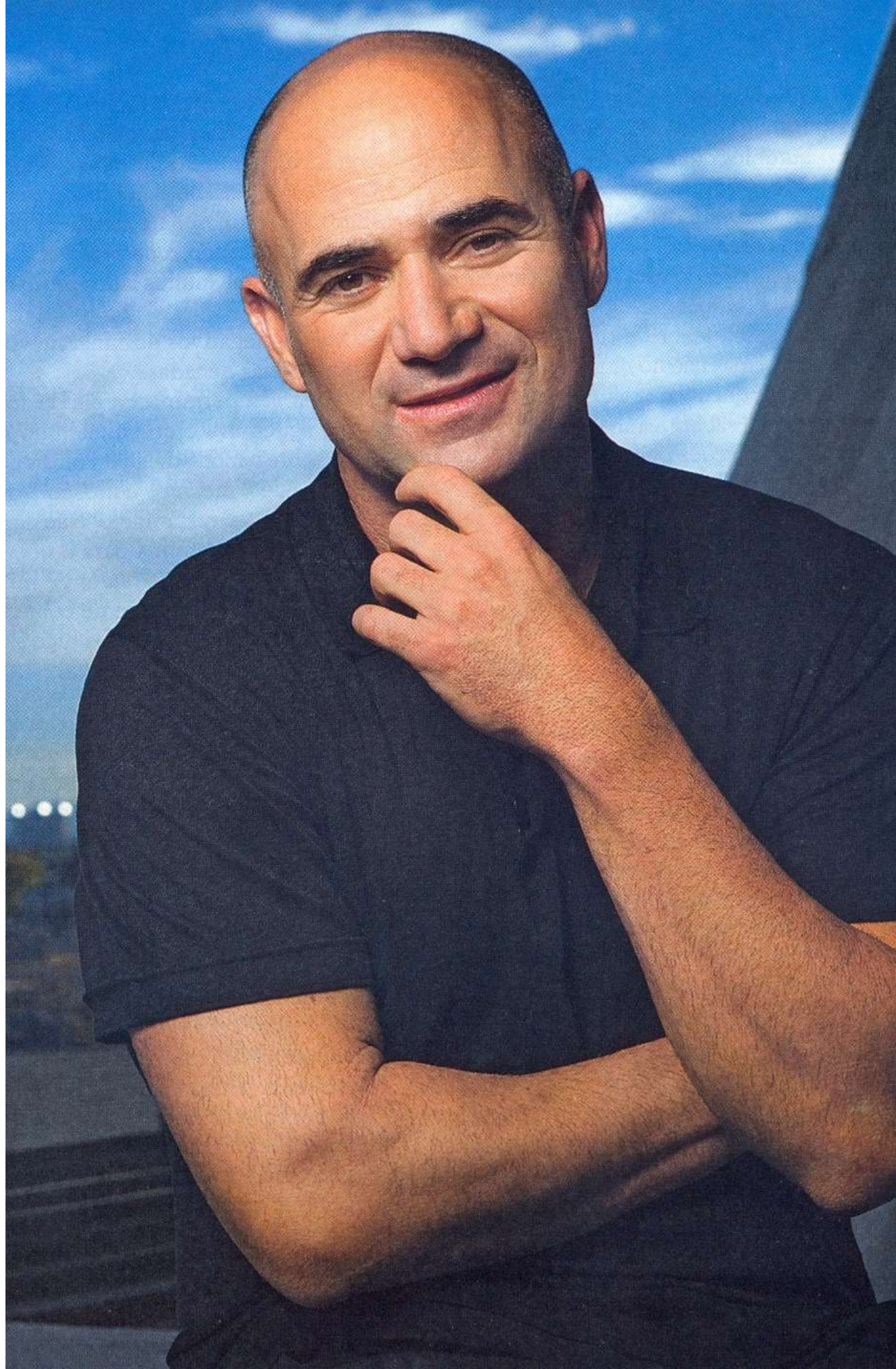


O ídolo do tênis
Andre Agassi fala de

Pais & Filhos

POR CHRISTOPHER KEIL

Um dos tenistas mais brilhantes de todos os tempos, **Andre Agassi** nos conta sobre sua relação com o esporte, detalhes de sua autobiografia e, principalmente, a respeito de ser pai – e, naturalmente, filho



P. O mundo o conhece como tenista. Há alguns meses, foi publicada a sua autobiografia. Ela se chama *Open* e, de fato, é bem aberta...

R. Por ser tenista profissional, a minha vida sempre foi pública, e muito do que foi publicado estava simplesmente errado, tanto a parte boa quanto a ruim. Eu sabia fazer de tudo na quadra de tênis, mas não no mundo lá fora. Nunca soube quem eu era. Como os outros deveriam saber? Minha vida consistia em contradições que eu carregava dentro de mim e que nunca soube explicar.

P. E você conseguiu entender o tenista Andre Agassi?

R. Eu o entendo de um jeito diferente a cada dia e, assim como qualquer pessoa, preciso trabalhar a minha paz interior diariamente. Por tudo isso, vou ao mesmo tempo levando a vida com pessoas em quem confio.

P. O seu pai era conhecido como um tipo de tirano para você. As viagens para jogar tênis eram o seu campo de batalha – e nele você era quase destruído. Por que não foi mais duro com seu pai no livro?

R. Meu pai é incrivelmente leal. Eu queria que tivesse me amado menos. Sempre foi generoso. Só estava procurando o caminho mais curto para chegar ao sonho americano...

P. ...que passava pelo seu sucesso.

R. O meu pai tinha um plano, e era incrivelmente disciplinado. Não sei como conseguia: dois empregos, quatro filhos, ficar conosco na quadra de tênis depois do trabalho, toda essa disciplina louca. Ele tinha muitos lados positivos.

P. Mas os negativos dominaram você durante duas décadas.

R. Uma vez perguntei a ele: “Papai, como aguentava o que diziam do senhor, sobre o modo de lidar com as coisas, consigo mesmo, conosco?” Ele

respondeu: “Não dou a mínima para o que os outros falam de mim. Se tivesse de começar de novo, faria tudo exatamente igual. Com uma exceção: não deixaria você jogar tênis, mas lhe ensinaria golfe ou beisebol. Você poderia ter jogado ambos

os esportes mais tempo e, portanto, poderia ter ganhado mais dinheiro.”

P. Simpático.

R. É preciso entendê-lo. Papai foi criado numa família cristã armênia no Irã islâmico. Tinha de travar uma luta diária contra o mundo. A mãe o tratava mal, e até o obrigava a usar roupa de menina para ir à escola. Aprendeu bem cedo a não confiar em ninguém. Depois, quando veio para os Estados Unidos, não sabia nem uma palavra em inglês, mas deu um jeito de estudar.



Esse homem nunca teve escolha na vida; queria que nós, seus filhos, tivéssemos todas as oportunidades. A ironia disso tudo era que ele não nos deixava escolher. Por ter sido tão pobre, o sucesso não significava nada se não rendesse dinheiro. Para ele, então, ter oportunidade só queria dizer uma coisa: dinheiro.

P. Você tem dois filhos com a tenista alemã Steffi Graf. Como o seu pai está se saindo como avô?

R. Ele é legal. Enfim, sempre fala o que pensa...

P. Então, o que ele diz?

R. Uma vez, meu filho estava jogando tênis com ele e rebateu uma bola diretamente no corpo de meu pai, que o olhou e disse: "Se fizer isso de novo, vou pisar no seu traseiro com tanta força que você vai passar duas semanas sem ir ao banheiro."

P. E o seu filho voltou para casa chorando?

R. Nem uma lágrima. Ele só queria saber se é possível sobreviver duas semanas sem ir ao banheiro. Acredite, todos temos um relacionamento bom com o meu pai. Para mim, ele é como sempre foi. Vive me dando conselhos. Antes era sobre tênis, agora é sobre a criação dos filhos, sobre o que, na sua opinião, eu devia fazer melhor.

P. Sabe o que não entendo? No tênis você ganhou tudo em seus 20 anos de profissional, todos os torneios impor-

tantes, a medalha de ouro olímpica. Tornou-se o jogador número 1 do mundo. E agora declara no livro que detestava jogar tênis.

R. Para me entender, você precisa ser capaz de imaginar a pressão que eu sofria. Na nossa casa, o clima sempre dependia de eu ter treinado bem ou mal, se eu ganhava ou perdia. Então, ou comíamos todos juntos, ou cada um fazia seu prato separado. As apostas acabavam aumentando, era muito dinheiro, e a nossa renda crescia, mas nada mudava no nosso comportamento em família.



Biografia

O americano Andre Kirk Agassi, que completou 40 anos em 29 de abril deste ano, é um dos melhores tenistas profissionais de todos os tempos. Encontra-se entre os seis jogadores que ganharam pelo menos uma vez os quatro torneios mais importantes do mundo: Melbourne, Paris, Wimbledon e Nova York. Ao todo, venceu 60 torneios entre 1986 e 2006, e passou 101 semanas como tenista número 1 do mundo. Ganhou mais de 30 milhões de dólares em prêmios em dinheiro, e muitas vezes essa quantia em comerciais. Agassi disputou sua primeira partida profissional aos 16 anos. Vestia-se e comportava-se como rebelde e chamou a atenção de outras maneiras, notadamente pelo seu breve casamento com a atriz de Hollywood Brooke Shields. Em 2001, casou-se com a tenista alemã Steffi Graf (foto). O casal vive feliz com dois filhos em Las Vegas, onde Agassi foi criado.

Perder significava ir tudo mal para todos os outros, porque o meu pai não aceitava a derrota. Aos 4 anos, eu já percebera que havia discussões entre meu pai e meus irmãos mais velhos quando eles perdiam. Ao vê-los jogar, eu vivia com medo que perdessem. Não ganhavam com frequência suficiente, e eu era a última esperança. Tinha talento, ganhava, mas detestava tudo o que se ligava a isso.

P. Por que, de repente, aos 16 anos, você se tornou um menino-prodígio e tenista profissional? Para nós, espectadores, a rebeldia só estava na sua maneira de se vestir: você usava jeans e acessórios coloridos. Mas um jovem que detesta o tênis preferiria abandonar tudo.

R. Você precisa encarar assim: Sou igual a um artista que se recusa a continuar interpretando quando dói. Naquela época eu não aceitava o tênis como estilo de vida. Mas, de repente, era o tênis que me dava a oportunidade de tornar a vida mais suportável. As viagens com meu irmão, o dinheiro, jantares em restaurantes bons. Mas, em essência, não muito diferente de pular do fogo para a frigideira. A dor era apenas um pouco mais suportável.

P. Na sua autobiografia você conta que, a certa altura, decidiu jogar só para si. Quando foi isso?

R. Em 1997, aos 27 anos. Eu estava tão mal na época, em 141º lugar na classificação mundial, que tive de entrar como curinga para poder participar de um torneio em Stuttgart, na Alemanha. Brad Gilbert, meu treinador, não aguentava mais minha situação decadente e não quis continuar participando dela.

Pedi que eu e a equipe fôssemos ao quarto dele no hotel e disse: “Só vamos sair daqui depois que você tomar uma decisão. Ou você para, ou vamos começar tudo de novo.” Pensei: *Espera aí! Você jamais gostou de tênis, e agora, então, nem se fala.*

Eu não gostava de mim, não gostava do que tinha realizado.

P. Você era profissional desde 1986, então em 1997 já estava com 11 anos de carreira. Já tinha realizado tanto no esporte e nos negócios que não precisava mais trabalhar.

R. Exatamente. Eu disse a mim mesmo: *Você pode parar agora. Tem tudo de que precisa: dinheiro, sua mulher e, finalmente, a liberdade. Não dá para ser melhor do que isso.*



P. Exatamente.

R. Mas a pergunta fundamental era: *Há algum motivo para que eu continue a jogar?* Não tive resposta a princípio, mas então fundei a minha escola...

P. ...A Fundação Andre Agassi, que treina e sustenta crianças de ambientes sociais difíceis.

R. Nessa escola pude observar como as vidas mudavam, de fato, para melhor. Dali em diante passei a jogar para a minha escola.

Pensei: *O tênis vai continuar difícil, mas agora você está jogando por algo que é mais importante que as suas próprias necessidades.*

P. Como está educando os seus filhos?

R. Tento ensinar-lhes, e às outras crianças da escola, a serem solidários. Queremos mostrar a eles o que significa amar o próximo. A educação, nela incluída a formação do caráter, significa uma enorme expansão das possibilidades.

P. Como pai você é mais tolerante do que o seu pai?

R. Sou exigente, pode ter certeza disso.

P. O que exige?

R. Tenho ideias claras sobre como nossos filhos têm de se comportar. Espero que assumam responsabilidades, por si mesmos e pelo próximo.

P. Os seus filhos já têm segurança financeira para a vida toda graças à riqueza que sua mulher e você amealharam. Como pretende ensinar a eles que é preciso trabalhar para alcançar os objetivos?

R. Eles não nos veem como pais que têm de tudo e vivem no luxo. Veem a energia e a devoção que dedico à minha escola. Meu filho conversa sobre isso com os amigos. Ele diz: "O meu pai tem uma escola para crianças carentes."

P. Steffi Graf era uma tenista temida pelo perfeccionismo. Você também vivia procurando as jogadas perfeitas. A perfeição pode ser uma ambição cotidiana?

R. É uma grande ambição, muito grande, que nós dois temos. Em

mim isso também não vai mudar. Quando decido fazer algo, tem de ser perfeito, não importa se é na cozinha, para a família, ou na minha empresa.

P. Você diria que, aos 40 anos (completados em 29 de abril deste ano), está vivendo como um homem de 40 anos deve viver?

R. Sinto-me como se tivesse 60 anos.

P. Fisicamente?

R. Até meu coração e minha cabeça se sentem com mais de 40 anos. Tive uma vida tremenda. ■

Meu coração
e minha cabeça
se sentem
com mais
de 40 anos.